

# PFL contra a parede

## FH exige fidelidade e crise paralisa a votação das medidas provisórias no Congresso

Gustavo Miranda

Adriana Vasconcelos, Maria Lima,  
Cristiane Jungblut e Ana Paula Macedo

BRASÍLIA

O presidente Fernando Henrique Cardoso exigiu ontem uma decisão do PFL sobre o seu apoio ao governo e paralisou a votação das medidas provisórias no Congresso Nacional. O PSDB e o PMDB obstruíram a sessão da manhã, com receio de que fossem derrubadas medidas importantes, como a que regulamenta o Plano Real. Pressionado, o PFL recuou e também partiu para a obstrução, adiando as votações para a próxima terça-feira. A intenção é ganhar tempo, acalmar os ânimos e chegar a um entendimento com o Planalto. O líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE), que liderou a oposição na noite anterior, não teve respaldo da cúpula do partido.

Irritado com a derrota imposta ao governo sob o comando do PFL, Fernando Henrique Cardoso ligou para o vice-presidente Marco Maciel na quarta-feira à noite e mandou um duro recado aos pefelistas: quem se aliar à oposição estará fora da base governista. E avisou ainda que havia determinado aos líderes governistas que suspendessem as votações no Congresso até que o governo pudesse avaliar com segurança com quem poderia contar. O presidente fixou prazo até o início da próxima semana para que o PFL reflita melhor sobre o seu rumo.

O secretário-geral da Presidência, Aloysio Nunes Ferreira, reuniu-se na madrugada de quarta-feira com o assessor especial da Presidência, Moreira Franco, para avaliar a situação. Ontem, a temperatura voltou a subir dentro do governo depois que as bolsas registraram quedas e o dólar disparou. Imediatamente, o presidente determinou que fosse analisada a lista de votação da última quarta-feira e identificados os aliados que votaram contra o governo.

Os primeiros sinais do recuo dos pefelistas se deram quando o governador de Tocantins, Siqueira Campos, ligou para Aloysio avisando que tinha comunicado a Inocêncio que não estava disposto a deixar o governo, muito menos a se aliar à oposição.

— Inocêncio surtou. Faltam dois anos para o fim do governo. Isso seria um suicídio político. Eles não vão abrir mão dos cargos — resumi um assessor palaciano.



AÉCIO NEVES cumprimenta o deputado Severino Cavalcante (PPB-PE), que abriu mão de sua candidatura para apoiar o tucano